UM RITUAL PARA O ENCONTRO
Josimey Costa da Silva¹

A sala está escura, mas pulsante de vida. Não se olha, não se vê quem está ao lado. Mas se sabe e se quer alguém ali. Diante de olhos expectantes, luzes se sucedem num caleidoscópio colorido. Os ouvidos captam ruídos inusuais, música e silêncio plenos de significados. Os que participam estão quase imóveis, semi-hipnotizados. Há um jeito adequado de proceder, um lugar para entrar e um momento para sair.

Isto é ritual. Isto é cinema.

O rito está histórica e etimologicamente ligado a fenômenos religiosos, significando oposição a ações instrumentais ou racionais, cujos fins estariam situados externamente a elas mesmas. Também é visto como o processo de pôr em relação, dando sentido aos fatos da vida social; é um processo produtor de qualidade, em que o ordinário se transforma em extraordinário.

O filme, em sua formulação técnica tradicional, é uma sucessão de fotogramas projetados sobre superfície bidimensional a 24 quadros por segundo. Mas assistir a um filme coletivamente é antes participar de um rito em que a ilusão de movimento funciona como catalisador de um processo de produção/recepção/re-significação de mensagens propiciado por um meio da comunicação de massa. É, ainda, participar de experiência lúdico-cultural contemporânea vivenciada publicamente a partir da mediação da imagem no nível da recepção.

Na base de todo esse processo, está a comunicação como condição de socialização, aqui encarada em seu aspecto fático, ou seja, de partilha não de um significado preciso, mas de estados de sentimento que servem para criar atitudes comuns e, em circunstâncias especiais, solidariedade social, mesmo que isso ocorra por meios massivos.

Entretanto, seria possível falar em encontro como resultado da relação social vinculada a esses espaços públicos e a esse tipo de experiência lúdico-cultural? Poderia não haver a dispersão caracteristicamente massiva como resultado de uma mediação de massa, surgindo, antagonicamente, uma espécie de compartilhamento comunitário?

¹ Jornalista e professora de Comunicação da UFRN.

Evidentemente, há comunicação semântica durante a projeção/recepção de um filme. Pode, contudo, haver algo mais, algo que extrapola a mera consensualidade relativa de significados. Talvez esse algo possa até ser descrito como um sentimento de integração ou participação característico dos eventos coletivos. E isso bem poderia figurar como um dos motivos pelos quais o cinema, enquanto ritual, não se extinguiu até hoje, apesar dos muitos prognósticos nessa direção.

Boris Cyrulnik, pioneiro da etologia clínica, fala sobre a importância do encontro entre os seres, e não só os humanos. O encontro tem como alicerce a sensorialidade, que é informação, fonte de emoção que evoca uma lembrança e provoca uma conduta. Já o receptor, enquanto *homo*, não se dissocia do *logos*, do *faber* e muito menos do *ludens*. Norval Baitello, estudioso da semiótica da cultura, acredita que o lúdico perpassa os códigos e, conseqüentemente, todos os procedimentos comunicativos humanos ou dos outros animais. Os atos lúdicos pressupõem o envolvimento afetivo na ação, preferencialmente dirigida à relação com o outro.

Ligar-se afetivamente a qualquer ser humano, mesmo que temporariamente, é um ato cultural imbricado aos fluxos físico-químicos do organismo humano. A conduta afetiva, enquanto cultural, é precedida por e precede a linguagem. Está na base da sociedade humana, pois a afetividade é primordialmente constitutiva do ser. E ainda mais: os sentimentos funcionam como atribuidores de sentido, criadores de linguagem.

A imagem, nesse universo, ocupa lugar privilegiado. Se o olhar se destaca como a via mais importante para descrever e a mais precisa para sentir é porque a imagem realiza uma comunicação mais direta; num primeiro momento, suplanta mesmo a palavra. Alimenta o imaginário, ao mesmo tempo em que é por ele gerada. O espaço do imaginário é o espaço onde os condicionamentos político-sociais têm menos sucesso. Por isso, ele deve interessar à comunicação social como compartilhamento, e não mera produção/recepção.

Qualquer produção vídeo-cinematográfica é, além de outras coisas, expressão de imagens mentais comuns ao gênero humano porque derivadas do tronco antropológico que os seres humanos partilham. Assim, o espectador vivencia o cinema ou o vídeo como uma experiência estética e em estado de dupla consciência: o efeito afetivo é intenso, ao mesmo tempo em que a condição de espetáculo imaginário não é nem por um momento esquecida.

Isso ocorre, entre outras razões, porque o cinema é arte e indústria, fenômeno social e fenômeno estético, reunindo em si a modernidade contemporânea e o inevitável arcaísmo do espírito dos homens, como assinala Edgar Morin, pensador da complexidade.

Comunicação é encontro. Encontro é afetividade expressa. Ritual é afetividade codificada. Cinema é imagem, comunicação e ritual, portanto, codificação e decodificação, encontro e afetividade.

Tenho feito observações assistemáticas em algumas experiências que fogem ao corriqueiro do ritual cinematográfico. Existem, em execução no Brasil, várias iniciativas que congregam regularmente pessoas de um mesmo bairro, um segmento social ou quase toda uma cidade para assistirem gratuitamente a filmes ou video-documentários em locais públicos, como ruas, praças ou em salas com livre acesso. Exemplos disso em Natal são duas experiências atualmente em andamento: o *Cinema na Rua*, do NAC/UFRN, e o *Cinema em Movimento*, projeto cultural nacional também apoiado pela UFRN. Percebo, entre outras coisas, um vínculo temporário, que se cria durante as sessões e que parece remeter à comunhão das praças interioranas, à comunicação enquanto o ato de tornar comum com vistas a uma nova ação. A atmosfera que percebo difere muito da observável numa sessão de cinema comercial.

Evidente que isso poderá ser resultado das condições especialíssimas em que ocorrem as sessões: acesso gratuito, comunidades já formadas, como vizinhos de um mesmo bairro, ou cidades pequenas ou gente de diversas partes de uma cidade que compartilham uma sessão gratuita de filmes brasileiros e que se reconhecem como espectadores diferenciados.

Se uma efetiva comunicação se estabelece nessas condições, isso talvez decorra da criação de laços afetivos, ainda que temporários, propiciados pelo lúdico, que está na raiz de qualquer processo comunicacional e, contemporaneamente, pela mídia da comunicação de massa, responsável pela sincronização dos processos sociais. Um espetáculo que diverte pode aproximar física e emocionalmente, criando o *communis*, mesmo se a erudição muitas vezes afirma o contrário.